Meditações: sextafeira da 9ª semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sextafeira da 9ª semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus revela-nos a sua identidade; reconhecer a realeza de Cristo; a grandeza e a proximidade de Deus.

- Jesus revela-nos a sua identidade.
- Reconhecer a realeza de Cristo.
- A grandeza e a proximidade de Deus.

EM ALGUMAS cenas do Evangelho, Jesus parece querer esconder a sua verdadeira identidade. Manda calar os demônios quando pronunciam o seu nome (cf. Mc 3, 12), pede aos que foram curados por ele que não contem o milagre a ninguém (cf. Mc 1, 44) e inclusive alguns dos seus ensinamentos dirigem-se apenas aos seus apóstolos e não à multidão, pelo menos no início (cf. Mt 16, 20). Cristo sabe que no título de Messias podem esconder-se as mais diversas aspirações e esperanças dos homens. Afinal, todas as pessoas esperam algum tipo de libertação, pelo que é bastante tentador projetar os próprios desejos num salvador.

Apesar de tudo, em alguns momentos Jesus dá a entender qual é a sua identidade aos que se reuniam no templo e tenta corrigir a percepção limitada que podiam ter. Com efeito, alguns escribas, seguindo a tradição do povo judeu, esperavam uma

personagem de boa linhagem e dignidade, proveniente da casa de Davi; devia ser alguém importante, pois tinha que restaurar a casa de Israel. Mas Jesus tenta ir além e dá a entender que os títulos de Messias, Senhor e Filho de Davi ficam incompletos sem outro, que está na origem da sua identidade: o de Filho de Deus. Por isso, citando um dos salmos, coloca-lhes a pergunta retórica: "O próprio Davi chama o Messias de Senhor. Como é que ele pode então ser seu filho?" (Mc 12, 37).

Jesus é o filho querido do Pai. Nessa relação se manifesta a sua identidade. Sempre que fazemos a nossa oração, quando tentamos manter uma conversa íntima com Ele, o primeiro passo pode consistir em ser conscientes de com quem estamos falando: é Deus que vem ao nosso encontro como um Pai que deseja travar um diálogo de amor

conosco. No entanto, perante tal proximidade de Cristo, podemos nos acostumar à sua presença ou a nossa conversa pode ficar formal, e chamamos o Senhor por um título, que merece honra e respeito, mas com o qual podemos perder o sabor da familiaridade. Podemos pedir-Lhe, neste tempo de oração, que mantenha sempre vivo em nós o assombro e a capacidade de nos maravilharmos perante o amor que tem por cada um de nós.

RECONHECER Jesus Cristo como Filho de Deus permite compreender em que sentido Ele é também nosso Senhor e de que modo as nossas vidas podem estar ao serviço da Sua realeza. É consolador saber que o Seu reinado é o amor; portanto não temos nenhuma razão para duvidar da Sua autoridade nem dos Seus propósitos. Pelo contrário, encontramos nesse poder de Deus a paz das nossas almas, que nos leva a dar-Lhe graças por tudo o que acontece em nossas vidas, mesmo por aquilo que nos possa contrariar. S. Josemaria, numa ocasião, escutou no fundo da sua alma: Si Deus nobiscum, quis contra nos? Se Deus está conosco, "nem a falta de meios materiais ou de saúde, nem a precariedade do emprego em muitos lugares, nem as complicações familiares ou fora do lar, nada!, nos perturbará!"^[1]. Essa é a confiança que advém de habitar no lar de um Deus que é Pai e ama com loucura os seus filhos.

Mas contemplar Jesus como rei e Senhor também é exigente. É preciso que seja assim, pois é árdua a tarefa de orientar a nossa vida – marcada pelo pecado original – para Deus Pai. Mas Deus oferece-nos todo o Seu poder. Quando estamos dispostos a

deixar-nos transformar por Ele, quando compreendemos que nos convém que o Seu senhorio se manifeste em nós, então Cristo atua em profundidade para estabelecer uma intimidade e uma realeza no nosso coração que também se manifesta nas circunstâncias concretas das nossas vidas. "Reconhecê-lo como rei significa aceitá-lo como aquele que nos indica o caminho, aquele em quem confiamos e seguimos. Significa aceitar dia a dia a sua palavra como critério válido para a nossa vida. Significa ver n'Ele a autoridade à qual nos submetemos"[2].

A tradição da Igreja descreveu em algumas ocasiões a oração como um combate. Aceitar o senhorio de Jesus supõe purificar progressivamente as intenções que guiam a nossa vida, para que tudo se vá orientando para Ele com uma atitude filial. Esse processo de purificação interior é, ao

mesmo tempo, uma graça e uma luta travada com liberdade Podemos sempre perguntar-nos na nossa oração: Jesus, em que aspecto da minha vida você ainda não é Senhor? Que atitudes ou disposições interiores o impedem de refletir o amor do Pai na minha vida? Porque, como escrevia São Josemaria, essa é precisamente a nossa missão: "O próprio Rei, Jesus, chamou-te expressamente pelo teu nome. Pedete que traves as batalhas de Deus, pondo ao seu serviço o mais elevado da tua alma: o teu coração, a tua vontade, o teu entendimento, todo o teu ser"[3].

APESAR do tom sério com que Jesus se refere ao seu senhorio, o Evangelho realça a alegria que as pessoas sentiam por poder estar na sua presença. "E uma imensa

multidão o escutava com prazer" (Mc 12, 37). Chama a atenção que, inclusive quando se atreve a corrigir os escribas, não haja nada no seu tom de voz ou na forma de se exprimir que denote ódio ou malestar. Por isso seria tão fácil desfrutar de cada uma das Suas palavras e, através da sua beleza, abrir-se ao conteúdo da Sua verdade. Precisamente quando aceitamos Jesus como Filho amado de Deus e como nosso Senhor, somos capazes de uma alegria mais profundo do que a que nos podem proporcionar os bens deste mundo. Pouco a pouco, iremos percebendo que não podemos viver sem oração, porque é o tempo em que apreciamos simplesmente a presença daquele que dá sentido à nossa existência.

Deste modo, a vida de oração alimenta-se dessa dupla realidade que a torna frutífera. Por um lado, sentimos um grande espanto de que Jesus Cristo seja verdadeiramente Deus e esteja disposto a entrar em diálogo conosco. É normal que nos vejamos frágeis e que pensemos que um grande abismo nos separa d'Ele. Como Isabel, diante da visita de Maria, também nós nos perguntamos: "Como mereço que a mãe do meu Senhor venha me visitar?" (Lc 1, 43). Por outro lado, em cada tempo de oração deixamonos surpreender por esta grande verdade da nossa fé: a proximidade de Deus. Estar com Jesus, partilhar com ele os nossos anseios e dificuldades de coração a coração, é a nossa felicidade. Então compreendemos muito bem o convite de São Josemaria: "Tudo, até o mais pequeno, desde agora e para sempre, empenha-te em fazê-lo para dar gosto a Jesus"[4].

A Virgem Maria também alimentou a sua vida contemplativa a partir da proximidade de Deus e da sua grandeza. Na cena da Anunciação, vemo-la surpreendida, pois não compreende que o Senhor tenha querido olhar para ela. Mas rapidamente se rende diante desse Deus que quer fazer-se menino, para que todos possamos ter eternamente a sua companhia. "Aprendamos da nossa Mãe, a Virgem Maria: ela seguiu o seu Filho com a proximidade do seu coração, foi uma só alma com Ele e, mesmo sem compreender tudo, entregou-se plenamente, junto com Ele, à vontade de Deus Pai"[5].

- [1] Javier Echevarría, Carta pastoral, 01/10/2016.
- [2] Bento XVI, Homilia, 01/04/2007.
- [3] S. Josemaria, Sulco, n.962
- [4] S. Josemaria, Forja, n.1041.

[5] Francisco, Angelus, 02	04/2023.
----------------------------	----------

pdf | Documento gerado automaticamente de https:// opusdei.org/pt-br/meditation/ meditacoes-sexta-feira-da-9a-semanado-tempo-comum/ (21/11/2025)